



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA: ASPECTOS PARA DISCUSSÃO

Juliana Firmino Fonzar (Assistente Social)¹ – e-mail:
fonzar.assistentesocial@gmail.com
Secretaria Municipal de Saúde - Maringá
Prof.^a Dr.^a Maria Inez Barbosa Marques (Orientadora)
UNESPAR – Campus Paranavaí

Resumo: O presente trabalho possui como objetivo discutir a chefia familiar feminina enquanto fenômeno histórico, presente e crescente na sociedade brasileira. Compreende a chefia feminina enquanto uma das novas configurações familiares provenientes das várias transformações ocorridas na sociedade capitalista, sobretudo a partir da década de 1970. Também aborda brevemente os desdobramentos e desafios de tal configuração nas vidas das mulheres chefes de família.

Palavras-chave: mulher, configurações familiares, chefia familiar feminina.

Introdução

A família é uma instituição social complexa, que desempenha múltiplas funções sociais. De acordo com Santiago (2006), o primeiro modelo de família difundido no contexto capitalista foi a nuclear burguesa, composto basicamente por casal heterossexual e filhos, tendo por base uma hierarquia patriarcal, onde o homem seria o responsável pelo provimento e principal referência no lar.

As famílias inserem-se em um processo histórico dialético, sujeito a constantes alterações. Dessa forma, no decorrer da história, vêm sofrendo mudanças em sua organização. Sobretudo nos últimos anos, novas configurações familiares têm emergido e se ampliado devido às transformações societárias implementadas a partir da década de 1970 que rebateram na sociedade, refletindo nos níveis econômico, social, político, cultural, bem como no mundo do trabalho, e, conseqüentemente no âmbito familiar.

Nesse contexto, evidenciou-se um aumento de famílias com chefia feminina, sejam monoparentais ou nucleares.

¹ Bacharel em Serviço Social pela UNESPAR/FAFIPA (2012). Especialista em Gestão em Saúde pela Universidade Estadual de Maringá (2016). Atualmente Assistente Social na Secretaria Municipal de Saúde de Maringá – PR com atuação na Unidade Básica de Saúde Ney Braga.



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

Materiais e métodos

O conteúdo ora apresentado é constituinte do trabalho de conclusão de curso da autora, apresentado em 2012 ao curso de Serviço Social da UNESPAR - Campus Paranavaí. O mesmo abordou a chefia familiar feminina no contexto do programa habitacional Minha Casa Minha vida no município de Paranavaí.

O trabalho se utilizou de uma abordagem qualitativa, desenvolvendo uma pesquisa bibliográfica, de campo e documental.

Resultados e Discussão

Segundo Pacheco (2005), o termo chefia familiar possui suas origens nas leis que regiam a família em sociedades antigas, designando a um único membro - normalmente o homem mais velho - o poder sobre os demais. Partindo desse pressuposto, a definição de chefia familiar feminina tem sido historicamente destinada a ocasiões em que as famílias ou domicílios são liderados por mulheres sem a presença de companheiros, como divorciadas, viúvas e mães solteiras.

Entretanto, é importante enfatizar que, apesar da predominância da ausência de companheiros em famílias de chefia feminina, as mulheres chefes de família não se restringem apenas às responsáveis por domicílios que não possuem a figura masculina. Pesquisas mostram que há famílias com casais cuja mulher é apontada como a referência familiar, ainda que este modelo não seja tão difundido devido à predominância ideológica do modelo nuclear patriarcal. Oliveira (2005) considera que atualmente “outros membros da unidade familiar passaram a contribuir para o orçamento doméstico, cabendo à mulher cônjuge trabalhadora remunerada um papel [extremamente] importante”.

De acordo com Pacheco (2005), as famílias chefiadas por mulheres não constituem um fenômeno novo. Ao contrário, este tipo de organização familiar sempre existiu, sobressaindo-se no início do século XX, momento de maior



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

urbanização no país, onde era intensa a mobilidade geográfica dos homens e o abandono periódico de suas esposas.

Estudos de Pacheco (2005) e Domingues e Silva (2011) enfatizam que antes de 1970, as mulheres somente eram consideradas chefes de família se fossem viúvas, separadas, ou sem um pai ou marido em casa. Somente a partir desta década é que estas ganharam visibilidade nas pesquisas sociológicas e apenas a partir do Censo de 1980 o termo “chefe” passou oficialmente a designar tanto o homem como a mulher responsável pelo domicílio. (PACHECO 2005, p. 68 ; DOMINGUES E SILVA 2011, p. 47)

O número de famílias chefiadas por mulheres tem crescido significativamente, resultado de uma série de fatores provenientes de transformações societárias.

Conforme Woortmann e Woortmann (2002), o monoparentalismo feminino é cinco vezes maior que o masculino, espelhando talvez a permanência de uma ideologia de gênero tradicional, onde “criança é assunto de mulher”.

Nessa perspectiva, a Síntese de Indicadores Sociais - SIS (2007) do IBGE indica que o percentual de mulheres responsáveis por domicílios passou de 10,3 milhões em 1996 para 18,5 milhões em 2006. De acordo com a SIS (2015), nos arranjos compostos por casal com filhos, diminuiu a proporção daqueles que tinham o homem como pessoa de referência, em relação ao total de arranjos com filhos, passando de 67,7%, em 2004, para 54,9%, em 2014, e aumentou para aqueles em que a mulher era indicada como a pessoa de referência, variando de 3,6%, em 2004, para 15,1%, em 2014. Tal realidade que reforça que a chefia feminina vem crescendo não só em famílias monoparentais.

A SIS (2007) expõe aspectos relevantes para a compreensão do aumento numérico de mulheres-referência nas famílias, dentre estes estão a maior participação destas no mercado de trabalho que resulta em maior



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

contribuição para os rendimentos da família, o aumento da expectativa de vida da mulher em várias regiões do país aliado a fatores que a levam a ficar sem o companheiro (viuvez, casamentos desfeitos, migrações masculinas) e aspectos culturais que as levam a valorizarem sua autonomia e vida profissional optando por viverem sozinhas.

Diante do exposto, é relevante salientar que as mesmas mulheres responsáveis pela provisão e chefia familiar são também “mães de família” responsáveis por atividades domésticas que segundo Carrasco (2003) são tarefas morosas que incluem serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. (CARRASCO, 2003. p.17)

Nesse sentido, a Síntese de Indicadores Sociais (2015), com consonância com a anterior aponta que 9 em cada 10 mulheres, após finalizarem seus expedientes de trabalho diário, continuam suas jornadas com atividades domésticas.

Considerações finais

Observa-se com o estudo que as chefias femininas são históricas, embora por muito tempo não reconhecidas devido às visões patriarcais da sociedade. No decorrer do processo histórico, com as transformações societárias e seus desdobramentos tal configuração familiar vem passando por grande ampliação.

A atuação das mulheres no âmbito doméstico, no trato com os filhos, dependentes, idosos, e em alguns casos com companheiro caracteriza um trabalho árduo, esgotante e contínuo, porém, não reconhecido e valorizado socialmente que somado a sua jornada formal de trabalho remunerado gera dupla responsabilidade, o que muitas vezes sobrecarrega a mulher e segundo Carrasco (2003) a submete a conflitos como a prática constante de passar de um emprego ao outro, da cultura do cuidado à cultura do lucro o que lhe impõe tomar decisões e fazer escolhas as quais os homens não estão obrigados.



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais

Assim, conforme a autora, o cotidiano das mulheres se torna uma contínua negociação entre os diferentes âmbitos sociais: como cuidadoras responsáveis dos outros e como trabalhadoras assalariadas, o que se exprime na impossibilidade de se sentir a vontade em um mundo construído segundo o modelo masculino.

Referências

CARRASCO, Cristina. A Sustentabilidade da Vida Humana: um assunto de mulheres?. In: FARIA, Nalu (org); NOBRE, Miriam (org). **A produção do viver: ensaios de economia feminista**. São Paulo: SOF, 2003. p. 11-47.

DOMINGUES, Gislaine Aparecida A.M; SILVA, Franciele Nicolette da. **Mulheres Chefes de Família em Situação de Vulnerabilidade social no Município de Nova Esperança – PR**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Universidade Faculdade Estadual do Paraná – Campus FAFIPA, Paranavaí, 2011.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2007**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/sintese_indic_indic_sociais2007.pdf>. Acesso em: 25/05/2012

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2015**. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/uploads/global/materias/2015/12/04-12-2015-02-58-43-pesquisa-ibge.pdf>>. Acesso em: 30/05/2016

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: FGV. 2005. p. 123-148.

PACHECO, Ana Lucia Paes de Barros. **Mulheres pobres e chefes de família**. 2005. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ.

SANTIAGO, Milva Silveira. **A Visão de Família para Crianças e Adolescentes Abrigados**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Serviço Social). Universidade de Londrina, Londrina, 2006.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN Ellen F. **Monoparentalidade e Chefia Feminina: Conceitos, Contextos e Circunstâncias**. 2002. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/XIIIencontro/woortmann.pdf>>. Acesso em 25 de maio de 2012.